
O FILÓSOFO E A TEOLOGIA

Etienne Gilson

Tradução de Tiago José Risi Leme. Santo André/ São Paulo: Academia Cristã/ Paulus, 2009.

Gilson não é, felizmente, um filósofo que precise de maiores apresentações entre os leitores da língua portuguesa. Seus muitos textos sobre Filosofia Medieval, sobre Santo Agostinho, Santo Tomás já possuem uma boa divulgação entre nós. Por isso, parece vir em muito boa hora mais essa tradução da obra do filósofo.

O filósofo e a teologia é uma obra que poderíamos denominar como um livro das memórias do pensador, uma espécie de bio-bibliografia escrita por um filósofo já amadurecido, no final dos anos 50 e no início dos agitados anos 60. A primeira coisa a se registrar aqui, talvez, seja o próprio título. Por qual motivo Gilson opta pelo *filósofo* e pela *teologia*? Por que não utiliza *a filosofia* e *a teologia*? No nosso entender, ao optar por falar como filósofo, Gilson fala de sua vida, de suas reflexões de sua experiência. Além do mais, o texto não pretende falar da filosofia de modo geral ou vago, por isso a precisão do adjetivo se contraponto ao substantivo.

O contexto histórico e o posicionamento de Gilson também não podem aqui ser ocultados. O pensador é um cristão, um tomista confesso num tempo onde parece proibido se afirmar enquanto tal. Por isso, ao se denominar como *filósofo*, Gilson reafirma a possibilidade de uma forma cristã e tomista de fazer filosofia. Por outro lado, seu posicionamento enquanto filósofo nunca deixou de dialogar com a teologia, em buscar nela também a inspiração de sua filosofia. Contudo, é instigante notar que o pensador não se denomina aqui teólogo, mas alguém interessado em teologia, alguém que não abre mão dessa herança.

O livro é dividido em onze capítulos. O primeiro deles intitula-se *as infâncias teológicas* e aqui Gilson, como sugere, o nome, recapitula trechos de sua vida e de sua experiência religiosa. Contudo, seu intuito não é aqui meramente relatar experiências. Seu objetivo é, antes, fazer com que as suas experiências possam ter algu-

ma valia para outros.

O capítulo segundo, intitulado *universitas magistrorum* narra a experiência de Gilson na universidade e sua formação num ambiente marcadamente anti-religioso e hostil ao cristianismo e ao tomismo.

Já o capítulo terceiro segue a narrar a experiência cristã e tomista do autor, bem como suas crises na universidade. Por isso é que, não fortuitamente, ele tem o singelo título de *a desordem*.

A teologia perdida é o título do capítulo quarto. O título parece de inspiração proustiana e não deixa de ser algo do gênero. Trata-se de uma tentativa de um filósofo cristão em reencontrar-se com a teologia perdida, ao menos no contexto de sua época e na universidade francesa do período.

O quinto capítulo denomina-se *a teologia reencontrada* e é uma rememoração da alegria do pensador ao reencontrar-se com a herança teológica. Há aqui uma clara afirmação do pensamento cristão e de quanto Gilson não abre mão, em momento algum, tanto da sua filosofia como da sua teologia.

O caso Bergson será o tema do sexto capítulo. O autor de *Matéria e memória* será um dos mais estudados pensadores franceses do período de Gilson. Bergson recebe, ao mesmo tempo, críticas e aproximações.

Críticas de alguns neo-tomistas, que pareciam ver nele uma ameaça e aproximações de alguns cristãos, que enxergam em sua obra uma espécie de novo fôlego para as perspectivas cristãs no século XX. Gilson não se afirma nem em uma posição, nem em outra, mas tenta extrair de Bergson aproximações significativas para o tomismo. Seu objetivo é, ao mesmo tempo, conseguir captar as diferenças deste em relação ao pensamento cristão e tomista.

As ausências da sabedoria é o assunto do sétimo capítulo, onde, de certa forma, Bergson e a temática da filosofia francesa, de Descartes ao dias de Gilson são novamente lembrados, assim como ocorre também no capítulo oitavo, que é um retorno a Bergson e, por isso mesmo, intitula-se *a resposta de Bergson*.

A filosofia cristã é o título do nono capítulo. Aqui Gilson parece especialmente situado dentro da temática que lhe é mais atrativa. O pensador defende explicitamente a possibilidade de uma filosofia cristã, que seria diferente de alguns conteúdos da teologia em si mesma, embora tenha profunda afinidade com a mesma.

A arte de ser tomista é o título do décimo capítulo e aqui Gilson novamente mostra-se profundamente à vontade para suas considerações. Afinal, a retomada do tomismo no sé-

culo XX não pode ser observada sem um estudo de pensadores como ele, Jacques Maritain e alguns outros.

E, por fim, *o futuro da filosofia cristã* se constitui no capítulo de número onze, fechando com clareza um texto de biográfico, filosófico e, ousaríamos dizer, até mesmo confessional. A tradução e a edição são bem cuidadas, há apenas um equívoco, que é repetir novamente o nome

do tradutor na última página do livro, colocando junto dele o dia e o calendário litúrgico (28 de Agosto de 2008, festa de Santo Agostinho). Excetuando-se esta pequena gafe, que não parece adequada para uma tradução acadêmica, o trabalho é altamente recomendável e vem a preencher mais uma lacuna nos estudos sobre filosofia cristã.

Marcio Gimenes de Paula

Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
Professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.
E-mail: magipa@bol.com.br

Endereço para correspondência:
Avenida Adélia Franco, 2850-
Bloco B/ apartamento 301
CEP: 49048-010 - Aracaju-SE